

Regina Barbosa

Escritora e fundadora da ONG Ideário

“Levamos cinema para quem nunca foi até um. O piso é a areia branca, o teto é o céu estrelado e a tela é a vela da jangada. Na vela parada, as imagens em movimento.”

Entrevista realizada por Sergio Cohn no dia 26 de junho de 2010, em São Paulo.

Regina Barbosa

Regina Barbosa é escritora e fundadora da organização não governamental Ideário Comunicação e Cultura, que dirige desde 2002 em Alagoas. É autora do livro *Como Elaborar Projetos Culturais* (2007), referência brasileira em produção. Regina tem também dois livros de poesia publicados – *Ararinha-azul* (1994) e *Um Outro Um* (2001) –, além de vários infantis – o último é *Esta Menina Lia* (2004). É consultora do Sebrae/AL na área de cultura. “Desde muito cedo, nossa opção foi por aqueles que não têm acesso, que estão distanciados.”

Na Ideário, ela supervisiona o projeto Acenda Uma Vela, que há cinco anos exibe filmes em velas de jangadas nas praias e em comunidades ribeirinhas. “A característica básica é a vela de jangada, seja na lagoa, no Rio São Francisco ou no Oceano Atlântico – Alagoas tem todos esses espaços de água”. O idealizador do projeto é o marido, o cineasta Hermano Figueiredo, que descreve a ideia como o “melhor cinema do mundo.”

Hermano, Regina e a Ideário carregam a influência do cineclubismo, da “vontade de gerar canais para mostrar os filmes”. Regina também é diretora de produção do filme *Calabar* (2007), vencedor do prêmio DocTV, e diretora dos filmes *Um Vestido Para Lia* (2009) e *DJ do Agreste* (2007). “Acredito que o grande ganho de todo esse trabalho com a Ideário é essa relação com o povo, de chegar até onde ele está, conversar, entender mais a sabedoria popular.”

O que começou antes, a produção cultural ou a ONG Ideário?

A criação cultural, ou melhor, eu diria a criação artística. Era uma coisa mais de artistas fazendo seus trabalhos. Nós fazíamos outras coisas, mas cada um estava envolvido em uma área: um na publicidade, outro na pedagogia, outro no cinema. E foi da sede de se realizar artisticamente que surgiu a necessidade de profissionalização. A Ideário surgiu como um canal para desaguar algumas das coisas que a gente estava fazendo. Por isso, eu chamo isso de criação, pois antes a gente nem entendia direito o que era produção. A Ideário é uma organização não governamental que fundei e carreguei o piano por muito tempo, junto com mais algumas pessoas: Hermano Figueiredo, meu marido, na área de cinema; a pedagoga Marise Ciriaco e outras pessoas da área de literatura e de incentivo à leitura. Depois foram surgindo outros integrantes, geralmente pessoas que tinham se envolvido em algum projeto.

Há oito anos, quando nasceu a Ideário, como era o ambiente cultural em Maceió?

Era muito mais precário. Em termos de produção cultural, só existiam aquelas pessoas que faziam o trabalho de mercado. Fomos nós – tanto em

produção cultural, quanto no trabalho como ONG –, que começamos a reivindicar uma lei de incentivo à cultura, a fazer os primeiros projetos e a ficar antenado com o que estava acontecendo fora de Maceió. Tínhamos um pé em Recife, pois eu morei muito tempo lá e outras pessoas também. Quer dizer, a gente estava fazendo coisas que estavam antenadas com o que estava acontecendo em outros lugares.

Qual era o objetivo inicial da Ideário?

Fazemos um monte de coisas, mas no princípio o trabalho era de produção e difusão nas áreas de literatura e audiovisual. Nós tínhamos experiência em produção de livros, mas não conseguíamos fazer com que esse livro chegasse a livraria nenhuma. O mesmo ocorreu com um documentário, que não víamos como ele chegaria ao público. Havia algumas idéias relacionadas ao cineclubismo, pois uma pessoa do grupo era militante nessa área. O discurso cineclubista entrou muito forte, juntamente com a vontade de gerar canais para mostrar os filmes. Até hoje, o nosso trabalho está muito pautado em produzir, criar e fazer com que o resultado chegue ao povo. A Ideário é um espaço de ideias, de produção de conhecimento. Alagoas é um estado que possui os piores índices de desenvolvimento humano do Brasil. Problemas graves com a mortalidade infantil e com o analfabetismo. Os nossos ideais são os de produzir conhecimento e fazê-lo chegar ao público.

Como vocês pensam o fomento de um público?

Estávamos em um dos estados com os piores índices de desenvolvimento. Sempre tivemos uma consciência política muito grande. Desde muito cedo, nossa opção foi por aqueles que não têm acesso, que estão distanciados. Não nos interessava fazer as coisas para um público com acesso aos produtos culturais. Alguns de nossos projetos têm muito essa cara de levar o cinema para locais onde as pessoas nunca foram a uma sala de cinema. É o caso do Acenda uma Vela [*projeto de cinema itinerante que exhibe filmes em velas de embarcações pelo litoral e interior de Alagoas*], que já existe há cinco anos. Nós buscamos muito a ousadia, a inovação, o fazer diferente. Nesse projeto, em lugares onde não há outra tela para exibição, projetamos os filmes em uma vela de embarcação. É super bonito, super poético. Hermano Figueiredo, o idealizador, sempre diz, de forma megalomaniaca, que é o melhor cinema do Brasil, porque o piso é a areia branca, o teto é o céu estrelado e a tela é a vela da jangada. Na vela parada, as imagens em movimento. O projeto é feito de forma muito gostosa e há uma interação muito grande com os pescadores, muita

conversa. Há todo um trabalho para chegar a essas comunidades e passar o filme. Temos depoimentos de pessoas que nunca foram ao cinema.

Quais são as etapas desse trabalho, da escolha do filme até a exibição?

A característica básica é a vela de jangada, seja na lagoa, no Rio São Francisco ou no Oceano Atlântico – Alagoas tem todos esses espaços de água. Ao longo do tempo, o projeto foi mudando, se profissionalizando. Hoje, trabalhamos com muito equipamento e uma equipe super legal. Não que seja uma grande produção, mas no início fazíamos tudo praticamente sem grana, com duas ou três pessoas. Botávamos o equipamento dentro do carro e ao chegar ao lugar, a gente falava com um pescador, pegava a vela da jangada e passava o filme. Agora, o projeto tem apoio do Fundo Nacional de Cultura, já recebemos prêmios também. Estamos em outro estágio, mas sempre com essa característica: fazer uma pré-produção, escolher o melhor local, ver a tábua de marés, o tipo de jangada, saber se a vela é branca o suficiente, conversar com as pessoas. Antes disso, temos a etapa de seleção dos filmes. Hoje, por exemplo, temos um amplo leque de realizadores que mandam os filmes para serem exibidos. É o pessoal da Associação Brasileira de Documentaristas (ABD) e o pessoal ligado à animação. Há uma equipe que trabalha com isso. E tem ainda o momento de interação com a comunidade, muito importante. Priorizam-se os curtas-metragens por conta da interação com o público. Às vezes, pedimos para as pessoas levarem suas próprias cadeiras, incentivamos que desliguem a televisão, saiam de casa e vão para a praça, à beira da praia ou do rio.

Já virou evento fixo na agenda das cidades?

Alagoas não tem nenhum festival de cinema, então essa é a mostra mais importante que acontece de forma regular. E não é só em uma cidade. Por incrível que pareça, nunca recebemos apoio do governo do estado ou das prefeituras. Por mais que o projeto tenha força e importância, ele corre o risco de acabar se daqui a um ano ou dois não houver mais o apoio do governo federal. Infelizmente, Alagoas é um estado com uma política cultural muito precária. Até hoje, não temos uma lei de incentivo à cultura realmente efetivada.

Em um estado com esse tipo de precariedade, como criar agendas culturais e garantir a permanência de projetos?

Desde o início da Ideário, a gente se preocupava com isso e nos envolvemos bastante, inclusive na militância, para dar mais sustentabilidade a alguns projetos e tentar fomentar o trabalho cultural por lá. É um trabalho árduo exata-

mente por conta da visão local sobre produção cultural, que é muito precária. Há ainda uma visão antiga dos governos locais, embora tenha melhorado bastante com o incentivo da política federal. Quer dizer, ao fazer as diversas parcerias com os governos locais, o Ministério da Cultura de certa forma incentivava outro tipo de política. Hoje, há discursos bem diferentes daqueles que se ouvia há dez anos. Na prática, no entanto, ainda não temos tantas mudanças. Neste momento, por conta de já ter lutado demais, a Ideário encabeçou um manifesto pelo incentivo à cultura em Alagoas durante a última temporada do Acenda uma Vela [*o grupo lançou um manifesto convocando os artistas e a sociedade a apoiar a criação de uma política pública que substitua “a política de balcão e pires”*. Alagoas é o único estado do Nordeste que não possui nenhuma lei ou mecanismos de incentivo à cultura em funcionamento]. Conseguimos uma mobilização, buscando até outros segmentos. É uma luta.

Como profissionalizar a produção cultural e fazer com que as pessoas possam viver disso, sem que seja um trabalho extra ou amador, no sentido bom e ruim da palavra?

Essa é a minha principal preocupação, porque já não basta mais só trabalhar na cultura. Nós realmente precisamos ter condição de ser trabalhador da cultura e de ter qualidade de vida. Dá uma sensação de desencanto quando você trabalha e batalha muito, mas não tem os resultados financeiros para sobreviver daquilo. Eu, assim como muita gente, para conseguir criar e ver os meus trabalhos sendo realizados, fui entrando na produção. Acontece que a gente vai assumindo vários compromissos e, de repente, não sobra tempo para a criação artística. Isso me preocupa, porque há muitas pessoas que deveriam estar criando, mas estão produzindo ou gerindo. Aquele modelo em que o artista cria, o produtor produz e o gestor gere talvez até aconteça de forma muito bacana para os artistas que já estão bem estabelecidos e que possuem uma equipe de trabalho. Mas quem não possui essa infraestrutura, muitas vezes faz tudo isso e não sobra tempo para realizar a obra. Existem muitos projetos hoje que estão focados na produção. Na literatura, por exemplo, ainda são poucos os editais que realmente incentivam o escritor a fazer sua obra sem ter que lidar com toda a burocracia que possa vir de um projeto.

Você escreveu o livro *Como Elaborar Projetos Culturais*. Sua impressão é que muita gente aprende na prática e na marra, porque entra muito crua na produção cultural?

A produção cultural, nos últimos anos, foi se multiplicando. Vários gru-

pos, por estarem com sede de fazer o seu trabalho, foram aprendendo na marra a lidar com tudo isso. É claro que tem um curso aqui e outro ali, mas em diversos lugares do país, onde esse tema era uma grande novidade há 10 ou 20 anos, não existia praticamente nada a respeito nem nas universidades. Hoje, vive-se outra realidade. Nas cidades de interior, em diversas regiões do país, existe gente produzindo e com vontade de fazer, de aprender. Ainda não se dá conta da quantidade de pessoas que está entrando nessa área. Ainda não temos cursos e as universidades estão lidando pouco com esse tipo de segmento que, na verdade, nunca foi bem reconhecido profissionalmente. O fato de as pessoas estarem fazendo na marra é porque a cultura nunca foi encarada como uma área profissional.

Quais são os pontos centrais que um jovem que pensa em ser produtor cultural precisa atentar para conseguir realizar um projeto?

Eu diria que é preciso ter muita noção de planejamento, além de capacidade para gerir equipes e recursos. O projeto Acenda uma Vela é uma das experiências mais bacanas que temos na Ideário porque é o resultado de um trabalho de equipe. Não se deve fazer nada de improviso, o que é uma tendência comum na área cultural. Como vivemos das ideias instantâneas, às vezes acontece: “Olha como está linda essa paisagem! Vamos filmar isso em vez daquilo que planejamos”. Essa tendência é muito recorrente na área de cultura.

Hoje existe uma discussão sobre pagar ou não pagar pelo produto cultural. Ao mesmo tempo, as pessoas estão percebendo que o trabalho voluntário também possui um custo. Como vocês lidam com essas duas questões?

Já vivemos muito esse dilema, porque a gente precisava de equipe para fazer determinadas coisas, muitas vezes envolvia algumas pessoas que estavam fazendo aquilo pela paixão, se comprometiam em ir, mas não iam. Quando não tem pagamento, a coisa fica meio frouxa. Se as pessoas saem de casa, tem que ser para trabalhar e para receber. Quando não se estabelecem vínculos profissionais, acaba havendo muito desgaste. Como já trabalhamos muito com produção de livros, principalmente na área infanto-juvenil e de incentivo à leitura, algumas escolas ligam e nos pedem, sem qualquer tipo de planejamento, para que participemos de uma roda de leitura, por exemplo. Às vezes, a gente não consegue lidar bem com isso. Aí as pessoas dizem: “Mas vocês não são uma ONG?”. Elas acham que por sermos ONG temos que fazer as coisas na hora que elas querem, ou de graça.

Como você vê a relação com o Ponto de Cultura?

A gente trabalhou como Ponto de Cultura e até hoje temos projetos ligados a isso. Desde o início, participei bastante do programa Cultura Viva, do Ministério da Cultura, de fóruns e de discussões. O programa é extremamente interessante, principalmente pela ousadia de envolver tantos grupos, indo para um país que está lá, bem esquecido. A verdade é que o programa é muito bonito do ponto de vista do conceito, mas não há uma estrutura estatal para abarcar essa quantidade toda de coisas. Esses grupos não estavam preparados para lidar com recursos públicos e com a burocracia. Não imaginavam a loucura que era fazer convênio com o governo federal pelo Fundo Nacional de Cultura, que é extremamente rígido, complexo, complicado. Muita gente foi entrando nessa sem refletir ou entender exatamente quais eram os compromissos que estavam assumindo. Depois, houve algumas mudanças, que foram bacanas – hoje, acho que já está bem legal. Mas foi um risco muito grande que se correu. A principal crítica é essa: a estrutura do governo federal que trabalha com os grupos culturais precisa mudar. A legislação do FNC para convênio com o governo de São Paulo, que tem uma puta de uma estrutura, é a mesma para o Ponto de Cultura de um grupo indígena do Pará ou para o grupo de folguedos de Pernambuco. Acho muito desigual. É preciso uma legislação mais flexível e também novos parâmetros. Existem formas para provar que esses grupos culturais, organizados em forma de ONG, instituto ou de grupo de teatro, estejam fazendo seu trabalho e sejam reconhecidos por isso, sem que precisem arcar com toda essa burocracia, porque ela gera uma camisa-de-força terrível. Acompanhei a agonia de muitos grupos e muitas figuras maravilhosas que tinham um trabalho e não deviam estar ali, quebrando cabeça para fechar uma planilha de prestação de contas. Hoje já mudou bastante, inclusive com outros parâmetros, prêmios e outras formas de prestação de contas. Os próprios convênios são mais simplificados. Eu sou a favor da total transparência. Tem que ter o controle e a comprovação. As pessoas têm que ter consciência de que quando se pega um recurso público, ele deve ser usado da forma mais correta possível. Infelizmente, existem, sim, muitas pessoas fazendo mal uso do dinheiro público. Mas para os casos daqueles trabalhos que já têm um reconhecimento público, não vejo necessidade disso, a burocracia só atrapalha.

A produção cultural traz muita informação. Isso influencia sua obra?

Pode ser. Hoje eu tenho uma visão muito mais bacana do que é ser artista. Somos trabalhadores como outros quaisquer, só que trabalhamos com ideias. Viver esse mundo real, com todas as dificuldades e encarar todos os

desafios que a produção traz, gera um amadurecimento bem legal. É claro que alguns exageros são ruins, como muito estresse, correria e problemas financeiros ou de equipe. Mas, se não houver exagero, o trabalho como produtor é muito bom para abrir a cabeça, dá uma visão mais lúcida da realidade e do conviver com as pessoas. Acredito que o grande ganho de todo esse trabalho que eu realizei com a Ideário é essa relação com o povo, de chegar até onde ele está, conversar, entender mais a sabedoria popular e gostar disso. Isso foi um saldo bem positivo.

No mercado cultural, às vezes o produtor é visto como inimigo do artista. Não falta aos artistas entender melhor como funciona esse sistema, essa cadeia produtiva?

Exato. É importante inclusive para se perceber que todos fazem parte dessa cadeia, cada um realizando uma parte bem importante para a coisa acontecer. Tivemos experiências legais na Ideário ao trabalhar coletivamente. Quando cada um faz aquilo que é sua expertise, aquilo que gosta, tem-se o respeito, a confiança e a torcida de todos do grupo. Quem edita bem, vai para edição; outro é muito bom na curadoria dos filmes, então vai fazer isso; quem sabe escrever, vai fazer livro. É claro que, na Ideário, nem sempre conseguimos isso de forma plena, porque geralmente a grana é pouca e uma mesma pessoa tem que desempenhar duas ou três funções. Mas eu gosto muito da ideia de trabalhar em grupo. Os conflitos existem – nós tivemos muitos –, mas sempre com essa necessidade de diálogo. Até porque ninguém está pegando o dinheiro do outro, não existe essa relação de lucro. Nunca gostei muito do capitalismo porque eu acho que a grana às vezes gera relações muito complicadas. Por exemplo, até hoje eu não me conformo muito com o que um escritor recebe para fazer um livro. Mesmo que ele venda muito, ainda vai ganhar bem pouco, porque tem a parte que vai ficar com o livreiro, a parte desse e daquele. Ao mesmo tempo, sei que tem um monte de gente trabalhando, existe um esquema montado para o livro poder ser vendido. Mesmo assim, acho que o escritor ganha pouco. É complicado.

O digital altera esse jogo de valores? Como a Ideário recebeu o impacto da cultura digital nesse processo?

Sim, até porque fomos nos formando e, aos pouquinhos, usando mais as linguagens digitais, usufruindo desse formato colaborativo com uma visão do direito do público. Também trabalhamos cada vez mais a relação de direito autoral. Buscamos entender o conhecimento como uma coisa que, quando

passado adiante, é melhor. Ao longo de quase 10 anos, fomos entendendo a linguagem digital para usá-la em benefício do trabalho colaborativo.

Conte um pouco sobre seus planos para o futuro. Você está escrevendo?

Estou me afastando um pouco da Ideário. Embora eu vá estar sempre por perto, talvez como consultora, tem outras pessoas lá se envolvendo mais. Já carreguei muito o piano e foi uma luta para fazer outras pessoas assumirem, porque ninguém queria trabalhar loucamente, como já trabalhei. Agora quero ter mais tempo para a literatura, mas vou continuar também com esse pezinho na produção. Estou buscando um pouco mais de subjetividade, um pouco mais da minha vida pessoal. Nos últimos anos, trabalhamos e produzimos alucinadamente. As pessoas que nos conhecem ficam impressionadas: “Como vocês conseguiram fazer tanta coisa?”. Isso dá orgulho e é bacana, mas chegou a hora de ter um pouquinho mais de tempo para outras coisas.

Para assistir essa entrevista em vídeo:

<http://www.producaocultural.org.br/slider/regina-barbosa/>